

O canto da Musa do Brasil oral

Ricardo Pieretti Câmara

Da junção de Zeus e da deusa Mnemósine (Memória) nascem as nove Musas, as deusas cantoras, da poesia, da música e da arte. Nas palavras da museóloga Teresa Scheiner, “as Musas, segundo Hesíodo, não são as pitonisas, essas seriam as mães-de-santo da Grécia clássica, mas na verdade a ideia de Musa tem a ver com a ideia das palavras cantadas que evoluem em torno da fonte da memória, presentificando a experiência humana através do canto, da dança, dos movimentos corporais e de todas as manifestações perceptuais e dos sentimentos”¹².

Resumo:

Jerusa Pires Ferreira tinha a capacidade de tornar leve as mais complicadas situações teóricas. O amor que sentia pela oralidade do povo e, conseqüentemente, pelo próprio povo ilustrava com humor e beleza as aborrecidas discussões de ambientes acadêmicos. Jerusa em suas falas, cantava. O trabalho com ela, era sempre um encontro de amigos fazendo peripécias. Essa leveza, comum à cultura nordestina, atraía para Jerusa as atenções e o interesse por seu vasto conhecimento sobre as poéticas orais, principalmente, das bordas da sociedade contemporânea. A intenção desse texto é trazer de maneira afetiva o aspecto humano da grande professora na relação de amizade e companheirismo diante do árduo trabalho de uma tese doutoral.

Palavras-chave: Oralidade, tese doutoral, canto, humor, bordas

A erudição e a irreverência eram amigas em Jerusa Pires Ferreira. Com ela, cantavam e dançavam. O mesmo apreço que mantinha por uma pesquisa rigorosa, era o que nutria por uma boa história do povo. Em seu mundo cabiam todos, intelectuais e mestres populares, doutores e trovadores autodidatas. A vida era sortida de encontros entre o real e o oficial, o importante era encerrar a poética com uma grande gargalhada.

¹² Scheiner Teresa, Museu: Origem, desenvolvimento e atualidade. Encontro de Museus-casas literários. 06/08/2021

Seu humor invariavelmente voltava para si mesma. Dizia alegre do dia em que levava um importante mestre cordelista, muito idoso, a sua residência na Bahia. Com o sotaque agreste em que velha soa *Réia*, ela arremedava o cantador, “Quem é essa moça bonita na foto?” “Sou eu, sim senhor.” “Eu sempre me pergunto, porque a moça quando é muito bonita nova, fica tão feia quando *réia*?” “O senhor está me chamando de feia?”. Jerusa ria. A explicação era que o cordelista já não enxergava nada bem.

A pré-história

A busca era pela definição das histórias ouvidas desde minha infância e que me atraíam como cantos ancestrais de minha própria existência. A curiosidade me levou a buscar explicação em forma de método para as vozes que alimentavam a imaginação e ampliavam o quintal do chão onde eu nasci. Era a busca pela poética oral do povo que me recebeu na vida. Para trilhar um caminho tão desafiador eu precisava de guias especiais.

O nome de Jerusa Pires Ferreira chegou a mim de maneira contundente pela pesquisadora Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira na cidade de Dourados. Depois que eu concluía os créditos nas disciplinas e defendera a dissertação dentro do programa de doutorado em Humanidades na Universidade Autônoma de Barcelona, eu estava de volta ao Brasil, precisamente em Mato Grosso do Sul para o trabalho de campo que resultaria na tese doctoral. Era o ano de 2002.

A conselho de Antoni Rossell, que me guiava como orientador desde a *tesina Oralidad y escrita en la obra de Jorge Amado*, fui buscar uma orientação na academia brasileira para a pesquisas sobre os causos da minha infância. Depois de conhecer o trabalho de Áurea Rita, muito próximo à temática que me fascinava, e que seria publicado como *A teia do contar na Nhecolândia, A personagem lendária Mãozão*, fui em busca da autora para convidá-la a ser coorientadora de minha pesquisa.

A pesquisadora me recebeu como amigo e logo percebeu minha tendência ao exagero. Propus um vasto trabalho cartográfico sobre a oralidade em MS. Relatos indígenas, pantaneiros e sertanejos que demonstrariam a originalidade das narrativas sul-mato-grossenses impregnadas de cultura Guarani e com forte contribuição paraguaia. Áurea suspirou. Perguntou-me se eu sabia quantas línguas se falavam em nosso território. Com o peito cheio de orgulho, respondi que sim: o guaicuru dos indígenas kadiwéu, o guarani dos kaiowá e nhandeva; a guató e o ofayé dos indígenas de mesmo nome e o arauaque dos terena.

Com um falso entusiasmo, Áurea me elogiou e logo sugeriu que eu procurasse uma aula de guarani, quando eu estivesse entendendo bem, deveria aprender o guaicuru

e depois o guató e assim por diante. Com o domínio dos idiomas poderíamos começar a estudar as narrativas. Assimilei rapidamente que era um trabalho para décadas de empenho. Compreendi também que o justo recorte era fundamental para a vida da pesquisa. Retiramos as narrativas indígenas, afastamos as sertanejas e chegamos ao objeto de nosso estudo, os causos pantaneiros.

Depois de abrir meus olhos para o tamanho do trabalho e perceber que eu estava me empolgando com seus conselhos, Áurea me deu a resposta que eu fora buscar. Recebi um não. Ela não poderia me guiar nessa pesquisa pelo simples fato de ainda não ter feito seu próprio doutoramento. Sentia a água fria levando meus projetos. Matutei, matutei e com minha tendência ao exagero, lhe perguntei quem era o nome mais importante nos estudos de oralidade no Brasil. Áurea não precisou nem de um átimo para responder: – “Jerusa Pires Ferreira!”

O encontro

A entrevista com a renomada professora foi no quarto andar do antigo prédio da COGEAE, Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da PUC-SP, onde dirigia o Centro de Estudos da Oralidade. Teria disponível para mim uma hora entre as 14h00 e 15h00 do dia nove de outubro, antes de sua participação em uma banca de tese. Fui acompanhado de um primo, Fernando Ferrari, já professor da área de saúde, que estava comigo na viagem a São Paulo. Em um pequeno gabinete, aguardamos com alguma ansiedade o nome mais importante da oralidade no Brasil, nas palavras da pesquisadora Áurea Rita. Na hora marcada, Jerusa Pires Ferreira entrou na sala com todas as cores que ela carregava em si. Pisava leve, quase dançando, no território que era seu quintal. Já vinha sorrindo como uma amiga de longa data. A musicalidade de sua fala, eu já conhecera nas conversas por telefone, quando lhe apresentei minhas ideias e minha vontade de tê-la por guia. Ela me recebeu para o encontro, depois de ter gostado do meu projeto e do meu entusiasmo pelas histórias de minha meninice.

Pessoalmente, já não perguntava nada sobre o trabalho, mas falava da Catalunha, terra que admirava muito, assim como a França, onde era professora convidada em Limoges, na região da Nova Aquitânia, e da Rússia, terra de seu marido, Boris Schnaiderman. Também mencionou a Bahia, onde tinha casa, filhos e dividia seu tempo com São Paulo. E comentou sobre o sertão, o amor pelos cordéis, tão europeus, tão ibéricos em sua ancestralidade. Também amava o Pantanal, tinha pesquisadores por lá, causos interessantíssimos, medievais. O medievalista Antoni Rossell, ela não conhecia ainda, mas tinha informações de que era muito sério e competente.

Jerusa conversou sobre a comida, a música, a necessidade de ouvir Elomar, importantíssimo para entender a oralidade do povo. O amor que ele tinha pelo rio Gavião é o amor do pantaneiro pelo rio Paraguai. Disse gostar também de Leonardo, da dupla com Leandro: “Você não gosta? É uma voz como as dos antigos cantadores populares”. Ela contava coisas sobre a Polônia ou Cuba com a mesma intimidade que as de seu Nordeste. O quintal que Jerusa pisava leve, quase dançando, era um quintal maior que o mundo. Ela também gostava muito de Manoel de Barros.

O professor meu primo, as vezes perguntava sobre a tese, como poderia ser o trabalho de campo: “A divisão entre os dois orientadores, como se daria?”, Jerusa respondia com graciosidade e voltava a viajar na gastronomia, era perdida por um chocolate, e as músicas e as viagens. O primo professor perguntava mais sobre a metodologia científica, o objeto, a redação. Jerusa passou a perguntar sobre a vida dele. Muito interessante, professor de Fisioterapia também em uma Universidade Católica, mas em Campo Grande. Ela adorava Fisioterapia. Sempre recorria aos préstimos de um fisioterapeuta muito bom, que atendia perto de sua casa em Higienópolis, sempre que torcia o pé ou sentia dores nas costas. Os dois passaram a conversar como amigos e o papo se prolongou.

Terminada a hora de reunião, nos conhecendo e trocando impressões do mundo e da vida, ficamos de nos encontrar novamente para falar a tese. Tadeu, seu secretário, entraria em contato por e-mail. Seria um lindo desafio e de uma região com poucas pesquisas até então sobre oralidade local. O encontro seria em seu apartamento de trabalho e eu adoraria conhecer Boris Schnaiderman, o grande intelectual e primeiro tradutor direto do russo para o português. Se despediu com muita simpatia de meu primo professor e com muita discrição e cumplicidade ao me dar tchau, disse-me: “Na próxima reunião não traga seu primo!”

O trabalho

Antes da reunião seguinte, voltei para Barcelona com a documentação que formalizaria a orientação de Jerusa Pires Ferreira e Antoni Rossell na pesquisa sobre os causos pantaneiros. Os dois professores se encontrariam em Limoges para ajustar o trabalho e selar uma amizade que perduraria até o final da caminhada de Jerusa. Os dois falavam de música medieval e cantavam, cantavam. Antoni havia gravado para a televisão espanhola o épico *El Cid* e era reconhecido por seus meticulosos estudos sobre a cultura musical occitana.

De volta ao Brasil, nos reunimos, enfim, no apartamento de Higienópolis. Foi um encontro, como de velhos e saudosos amigos, envueltos em um trabalho de longa data. Nada denunciava que essa era apenas a segunda vez em que nos víamos. Até o professor Boris já me conhecia e com muita intimidade me mostrava suas últimas traduções, em folhas espalhadas em uma mesa de jantar no meio de um apartamento rodeado de livros em todas as paredes e ícones de várias partes do mundo, principalmente do nordeste brasileiro.

O primo professor não me acompanhou nessa reunião. Estava comigo um ajudante de nome Haroldo. Jerusa o recebeu muito bem e por seu sotaque identificou que o rapaz era do Pará. Para homenageá-lo cantarolou a primeira estrofe do clássico de Waldemar Henrique:

“- Tamba-tajá me faz feliz
Que meu amor me queira bem
Que seu amor seja só meu de mais ninguém,
Que seja meu, todinho meu, de mais ninguém...”

Entre bolachinhas, chocolates e sucos passamos a tarde. A orientadora cantou mais alguns trechos de canções e se informou sobre minha vida, família e gostos, depois de me apresentar toda sua história. Da pesquisa falamos pouco, mas o mais importante ela me ensinou naquelas horas, tratar os desafios com leveza, com prazer, não exagerar na preocupação e não confundir profissionalismo com aborrecimento. Jerusa não concebia o trabalho sem sentimento e cordialidade. Para ela, o dever se pode cumprir cantarolando e sorrindo. Não foi fácil aprender.

A angústia do jovem pesquisador dava trégua quando sua guia colocava tudo de maneira fácil e consertável, a teoria parecia ser um detalhe. O sagrado era o objeto, as histórias, os gestos, a performance e o próprio contador de causos. Era como se tivéssemos encontrado um tesouro, um enterro mítico, guardado por esses homens simples e sábios. Ela desfrutava de cada joia retirada da botija. Antoni Rossell avalizava o valor das peças, relíquias medievais encontradas no charco brasileiro.

Com a mesma afeição que acolhia seus alunos-amigos também tratava os mestres teóricos, muitos conhecidos pessoalmente, como Paul Zumthor, Walter Ong, Iuri Lotman, Câmara Cascudo, José Lins do Rêgo e muitos outros. Todos íntimos da Musa brasileira da oralidade.

Em meio a tantos projetos, nacionais e internacionais, Jerusa, tranquilamente, dava seu jeito, não se afobava, comia um chocalatinho e estava tudo certo. Em uma ocasião, com o *corpus* da tese dos Causos pronto e marcada a volta para Barcelona, onde

com Antoni trabalharia a redação, minha preocupação era gigante, porque as agendas com Jerusa não se confirmaram. Eu, em Mato Grosso do Sul; ela, em São Paulo. Na véspera da viagem, em conversa por telefone, ela estava absolutamente tranquila. Tudo ficaria bem. Qual o tempo que eu esperaria pelo embarque? Duas, três horas. Pois muito bem, lá estava Jerusa junto com Boris, no aeroporto, tomando suavemente um café e me esperando para as correções. Fez anotações precisas e com muita ternura me disse, “retire o capítulo um”. “Mas é a contextualização histórica”. “Você não é historiador”. “Mas, a tese está pronta!” “É cedo! Aproveite a primavera de Barcelona e leve meu abraço a Antoni.” Estava coberta de razão.

Antoni Rossell também passou a vir ao Brasil. A primeira vez foi em 2006. Jerusa o recebeu em São Paulo, e o integrou rapidamente em seu círculo intelectual. Em pouco tempo, Rossell já fazia projetos com seu amigo Augusto de Campos e outros importantes nomes da cultura brasileira. O catalão participava de colóquios na PUC-SP e em Salvador e se tornou conhecido entre os grupos de estudos orais do país.

Com sua amabilidade baiana, Jerusa agregava pessoas dos vários campos do saber em nossa cultura e proporcionava encontros frutíferos para a arte e o conhecimento. A pedido da amiga, Antoni Rossell recebeu em Barcelona a cantora-compositora Adriana Calcanhoto, que ficou com ele mais de um mês estudando o cancionário medieval. Antoni não tinha a menor ideia de que se tratava de uma das cantoras brasileiras mais talentosas de sua geração.

Em 2011, Antoni Rossell, a já amiga Adriana Calcanhoto e Augusto de Campos fizeram uma apresentação no Teatro da Universidade Católica de SP, TUCA, chamada Poesia Medieval Revivida, o trio juntou o Carcará de João do Vale com o *Tartarassa ni voutor*, uma canção trovadoresca contra a igreja e os franceses, de Peire Cardenal com as bênçãos de Jerusa uniram o Nordeste do Brasil com a Catalunha medieval:

Nem carcará nem condor
Nem carcará nem condor
Farejam no ar a carniça
Como o padre e o pregador
Ao rico que paga a missa.
Amigos de coração,
Quando um fica doente
Pegam logo a doação
Em dano do seu parente.
(PeireCardenal)

Carcará, pega, mata e come!
(João do Vale)

Apesar de um círculo de amizades tão relevante na cena contemporânea, Jerusa não abria mão de sua simplicidade e delicadeza. A vaidade dela só era perceptível em seus brincos e anéis multicoloridos e nos lenços que gostava de ter no pescoço, além do cabelo sempre arrumado. A cada tempo retocava o vermelho dos lábios com batom. Falava de sobrepeso, rindo e comendo algum doce confeitado.

Em um de nossos encontros em Barcelona, quis ficar hospedada no hotel mais próximo de mim. Passeamos por seus lugares preferidos, lojas e cafés. Já em casa, diante da decepção de Andressa, que me acompanhava e tinha errado no bolo para o chá, fez questão que servisse a guloseima como estava e comendo com prazer revelou, “minha filha, você acertou em cheio, eu adoro bolo solado.”

Ela também contava com muito humor sobre o dia em que uma ex-funcionária sua foi lhe visitar e buscar roupas e mantimentos, que Jerusa sempre lhe doava. Era uma mulher muito simples do Brasil profundo. Para agradar a ex-patroa lhe fez um elogio: “Mas dona Jerusa, como a senhora está bonita! E a papada? A papada tá a coisa már linda.” “A senhora não fale de minha papada.”, “Mas tá linda *mulé* de Deus!”

No seu quintal acadêmico, o nome mais importante da oralidade no Brasil, nas palavras da pesquisadora Áurea Rita, não transparecia acreditar nos láureos e títulos. Era sempre como uma operária com muito trabalho a fazer e sem tempo para as vaidades do ambiente intelectual.

Ela queria ver as poéticas orais brasileiras cartografadas, registradas e valorizadas. Cada parte do país com suas peculiaridades e sotaques organizada como em um contemporâneo museu. Era um trabalho hercúleo, mas sempre tinha boas novidades vindas, principalmente, de seus alunos-amigos. E apresentava com prazer um cantador do Nordeste, uma canção do Sul ou um causo do Centro-oeste. Tudo fazendo parte de uma teia ancestral e dinâmica de imaginários diversos. Essa ideia de museu nos é apresentada pela professora Teresa Scheiner, em uma definição que impossível não pensar no trabalho de uma vida inteira de Jerusa Pires Ferreira:

“A gênese do museu não está no *museum*, mas está no *mossao*, naquela ideia das musas como palavras cantadas, como expressão oral da ação humana e memorizada pela palavra, pelo gesto, pelo canto, pelo movimento, tudo aquilo que faz parte da tradição oral e que teria tudo a ver com a ideia contemporânea de um patrimônio imaterial, e de museu que se gesta na imaterialidade. Assim sendo, se a origem do museu não é o templo, não é o *museum*, mas é o *mussao*, são as Musas, o museu na verdade não está em nenhum lugar, não tem uma receita única e nem um modo único de ser. Ele é um fenômeno tão amplo, tão fluido e tão imaterial, como é a cultura oral e como é o conhecimento, como é a experiência humana que se dá de maneira diferente em diferentes lugares, em diferentes tempos.”¹³

¹³ Scheiner Teresa, *ibidem* 1

No rastro da tradição oral e seus expoentes, além do mundo, Jerusa percorria o Brasil em congressos, simpósios ou jornadas. Na maioria das vezes a sua fala era a mais aguardada e concorrida. E os participantes passavam ao encantamento quando aquela autoridade, risonha e firme em seus posicionamentos, em meio a suas fundamentações teóricas, começava a cantar. Era um conagraçamento.

A música nunca se dissociava dos estudos, estava intimamente ligada às pesquisas, ao trabalho e à vida de Jerusa. Era uma relação simbiótica. Em todos os momentos, em todas as situações, havia espaço para uma canção. Era o eco dos poetas, dos griôs, dos cantadores, contadores e cancioneiros. O papel da musicalidade nos estudos de Jerusa a aproxima da postura de seu grande amigo Haroldo de Campos, que em uma entrevista em 1983 afirmou o seguint

“Minha relação com a tradição é antes musical do que museológica. Note-se que ambos esses adjetivos provêm da mesma palavra, *musa*, (*Mousa* em grego) e que as musas são filhas da Memória. Prefiro a derivação que desembocou em música, porque gosto de ler a tradição como uma partitura transtemporal, fazendo, a cada momento, “harmonizações” síncrono-diacrônicas, traduzindo, por assim dizer, o passado da cultura em presente da criação.”¹⁴

A defesa da tese *Os causos: uma poética pantaneira* foi transformada por Jerusa Pires Ferreira e Antoni Rossell em uma festa da cultura oral brasileira. O professor catalão era o responsável pela curadoria de uma mostra poética realizada pela Fundação Caixa Catalunya na icônica *Casa Milá*, construção de Antoni Gaudí, conhecida como *La Pedrera*. A cada edição, o evento homenageava uma cultura. Rossell aproveitou a ida de Jerusa para a banca e organizou a noite *Envers Brasil*.

Jerusa levou consigo pesquisadores-amigos que apresentaram seus trabalhos sobre oralidade. Estavam no evento, o professor Celso Rosa, que mostrou seu curtametragem sobre a música rap em São Paulo, a professora Elen Doppenschmitt que falou sobre oralidade e cinema contemporâneo no Brasil e o poeta-músico Arnaldo Antunes, que fez um belo concerto performático. Jerusa brilhou mais uma vez, falando à vontade sobre o conhecia tão bem: a cultura e a tradição oral com a temática das “Bordas”. Completava o grupo, seu aluno-orientando, que trouxera o filme *Os Causos Pantaneiros*, produto de sua tese doutoral, que havia defendido naquele mesmo dia.

A banca da tese acontecera pela manhã do dia 19 de abril de 2007 e contava com o escritor e tradutor Basílio Losada, para quem, a literatura brasileira é considerada a mais versátil e potente no mundo contemporâneos. Também fazia parte, o pesquisador-oralista José Pedrosa, organizador de um dos maiores acervos de narrativas orais do planeta, a

¹⁴ Campo, Haroldo. Entrevista 1983. Metaliguagens e outras metas. 1992.

antropóloga francesa Nicole Revel, que fizera parte da equipe de pesquisadores comandados por Lévi-Strauss e a diretora do centro de língua Portuguesa na Espanha, Helena Tanqueiro, que substituiu o escritor José Saramago. Na suplência, estava o poeta catalão Juan José Prat.

Nos encontros e almoços, a atenção era toda para Jerusa, que contava suas histórias divertidamente, ora em francês, ora em espanhol, cantarolando e ofuscando de certa maneira as outras personalidades vindas para o tribunal de tese. A defesa contou com uma plateia expressiva, raridade na universidade catalã, e Jerusa agregou um valor inestimável ao trabalho com sua fala apaixonada pela oralidade.

A despedida da comitiva brasileira e dos outros convidados foi em um jantar, com muita música na casa de Antoni Rossell. Tinha Arnaldo Antunes ao violão, Rossell com seus instrumentos percussivos medievais e Jerusa no piano. A antropóloga francesa quase não disfarçava o incômodo de ver o brilho de Jerusa em todas as situações. A professora baiana, percebendo o desconforto da colega, passou a tocar músicas francesas no piano e fez questão que Nicole Revel cantasse. Emprestou assim seu brilho, guardou seu canto e a francesa se revelou uma afinada e divertida cantora. Pela generosidade de Jerusa, a festa ficou completa.

E passeando pela vida, atravessando os anos seguintes, todas as personagens desta história foram se encontrando, ora em um congresso como o JALLA de Santiago do Chile, ora em festivais, como o Festival de Cinema do Vale do Ivinhema em MS, vez ou outra em lançamentos de livros em São Paulo, ou encontros em Salvador da Bahia e Barcelona da Catalunha. Sempre a forma-força da Musa que agregava as pessoas, as histórias e a música era o canto alegre de Jerusa Pires Ferreira.

SOBRE O AUTOR:

Ricardo Pieretti é doutor em Humanidades pela Universidade Autônoma de Barcelona, com pesquisa sobre os causos pantaneiros.

ORCID: 0000-0003-1705-3654

Recebido: 21/04/22

Aceito: 02/06/22